

Autognose pátria no romance Directa, de Nuno Bragança⁴¹

Carlos Conte Neto⁴²
Universidade Nova de Lisboa

Resumo

O escritor português Nuno Bragança (1929-1985) resistiu à ditadura fascista em duas frentes: seja como militante oposicionista (fez parte dos “católicos progressistas” e colaborou com as Brigadas Revolucionárias), seja como escritor. Aliás, seu companheiro de luta, Carlos Antunes, o define como “guerrilheiro escritor”. Nota-se, enquanto escritor, seu desejo de investigar a fundo os condicionantes históricos do presente português a fim de se pensar um Portugal outro, mais livre e justo. É a autognose pátria – ou seja, a tentativa de interpretar a entidade histórica chamada Portugal – que se põe a serviço da resistência e da ação política. E no romance *Directa*, esse empenho se torna evidente. Pretende-se, neste artigo, falar brevemente do contexto político em que a obra foi escrita e mencionar elementos de resistência na biografia do autor. Também se pretende mostrar em que consiste esse movimento interpretativo, incluindo o nome de Nuno Bragança numa linhagem de autores-intérpretes de Portugal.

Palavras-chave

Literatura portuguesa. Nuno Bragança. Autognose pátria. Estado Novo.

⁴¹ Este artigo é uma adaptação da Introdução da Dissertação de Mestrado do autor.

⁴² Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e Mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa.

“Era um revolucionário sentado a escrever um livro.”

(Manuel Alegre)

Durante o exílio em Argel, Manuel Alegre hospedou em sua casa o amigo Nuno Bragança, que na altura morava em Paris e preparava um livro misterioso que o fazia se levantar às 5h30 da manhã, “a hora de Nuno Álvares Pereira”, para trabalhar na secretária (ALEGRE, 1990, p. 13). O plano era publicá-lo e distribuí-lo clandestinamente em Portugal, apesar de todos os problemas que isso poderia lhe causar. Era início dos anos 70, e o Portugal de Caetano havia frustrado as expectativas dos que sonhavam com a liberalização.

O livro em questão é *Directa*, que trata, entre outras questões, da luta política clandestina contra o salazarismo na primeira metade dos anos 60. “Era um revolucionário sentado a escrever um livro”, lembra Alegre (1995, p. 9). Como todo ato de enfrentamento a um regime autoritário, publicar um livro desse tipo era certamente uma atitude arriscada e seu autor tinha plena consciência disso.

Mas não foi por medo que o romance não veio à luz antes do 25 de Abril. Afinal, não seria um regime agonizante, embora persistentemente vigilante e violento, que faria Nuno Bragança recuar. Manuel Alegre, às vezes, se perguntava se o amigo não seria a “reencarnação de Cristóvão da Gama”, um homem de armas “pronto a defender a bandeira até ao fim” (ALEGRE, 1990, p. 13).

Na realidade, foi devido a um excesso de Portugal e às exigências estruturais decorrentes disso que o romance só saiu anos mais tarde, em 1977. Tudo isso, aliás, está na nota introdutória de *Directa*, onde o autor descreve esse “mergulho” português e o consequente agigantar de texto que inviabilizaram a publicação imediata do livro (BRAGANÇA, 2017, p. 205-207)⁴³. Paradoxalmente, um dos principais motores de sua atividade literária – a saber, a vontade de conhecer a fundo Portugal – foi justamente a razão pela qual o projeto se tornou inexecutável. Para publicá-lo em 77, Nuno Bragança foi obrigado a retroceder ao projeto original.

Esse interesse por Portugal, segundo ele mesmo revela em entrevista de 1978, veio antes da redação de *A Noite e o Riso* e, na verdade, representava algo mais do que o despertar para um novo tema: tratava-se do descobrimento de si como português

⁴³ Utilizamos neste trabalho a 2ª edição da *Obra Completa* de Nuno Bragança, publicada em 2017 pela D. Quixote.

(BRAGANÇA, 1978, p. 42). Há uma passagem de *Square Tolstoi*⁴⁴ em que o protagonista afirma que suas pesquisas na biblioteca da Avenue Foch, em Paris, não lhe rendiam apenas material para sua escrita: “eu encontrava nesses textos chaves do meu próprio modo de ser – enquanto português” (BRAGANÇA, 2017, p. 505). Essas “joias de Portugal-por-dentro” a que a personagem Aníbal se refere coincidem com a lista de escritores que consta da nota ao leitor que precede *Directa*, assinada pelo autor.

Passado, presente e futuro

Curiosamente, esse movimento de ir em busca das próprias raízes enquanto português é feito a quilômetros de distância de Portugal, já que a personagem vive em Paris, onde além de escrever um livro trabalha na delegação portuguesa da Organização do Capital Unido (OCU)⁴⁵. Como observa António Mega Ferreira, em *Square Tolstoi*, “o país é visto quase por constante ausência”, contrastando, nesse sentido, com os dois outros romances, nos quais o país é visto de dentro (1985, p. 5). A ausência física, entretanto, é compensada por uma proximidade espiritual jamais experimentada: “longe de romper elos, estava-os encontrando em aumentada quantidade”, diz Aníbal (BRAGANÇA, 2017, p. 547).

E quais são esses “textos remotos” aos quais ele recorre para nutrir o livro em gestação? Admitindo-se que o tal livro que Aníbal escreve é *Directa*, e há inúmeros indícios que o comprovam⁴⁶, somos levados a buscar nesse romance os “textos remotos” através dos quais a personagem mergulha nas profundezas de seu próprio país. O que encontramos nas páginas de *Directa*, misturados à narrativa, mas sinalizados com o itálico, são excertos de obras clássicas da historiografia e da literatura portuguesas. Da *Crónica de D. João I* à *Mensagem*, passando pela *História Trágico-Marítima* e *Os Lusíadas*, Nuno Bragança constrói um “mosaico textual” (HENRIQUES, 2009, p. 61),

⁴⁴ *Square Tolstoi* (1981) é o terceiro e último romance de Nuno Bragança. O primeiro é *A Noite e o Riso* (1969), o segundo *Directa* (1977). A coletânea de contos *Estação* (1984) completa a lista de livros publicados em vida. A novela *Do Fim do Mundo* foi publicada postumamente, em 1990.

⁴⁵ Nuno Bragança, enquanto morou em Paris (entre 1968 e 1973), trabalhou na representação portuguesa junto à OCDE. Aníbal, personagem de *Square Tolstoi*, trabalha na OCU. Além da zombaria, verifica-se mais um paralelismo entre a vida real e a ficção.

⁴⁶ Basta para comprová-lo a transcrição de um trecho de *Square Tolstoi* (Parte I, segmento 12), em que o narrador-personagem fala sobre o livro que está escrevendo, que é um resumo perfeito do enredo de *Directa*: “O texto produzido era uma condensação (para mim danada) da luta clandestina contra o salazarismo, luta perdida, misturada com outro ferimento dos que vão ao osso: o esforço (igualmente derrotado) para arrancar uma mulher aos comprimidos com os quais se destruíra, pouco a pouco” (BRAGANÇA, 2017, p. 428).

composto por referências básicas para qualquer pesquisador que se propõe ao desafio de compreender este tão complicado objeto de estudo chamado Portugal.

O recuo ao passado textual português é acompanhado por um recuo mnemônico do narrador-personagem, que evoca com frequência episódios da história recente de Portugal, estabelecendo-se, por essas duas vias, uma complexa relação entre o presente e o passado nacionais.

É da inquietação diante do enigma que somos hoje que geralmente surgem as tentativas de autognose pátria. Foi assim, por exemplo, com os expoentes do Romantismo e da Geração de 70 em Portugal, empenhados que estavam em desvendar os mistérios do presente. Não foi diferente com Nuno Bragança. São as solicitações do momento histórico no qual estava implicado que o conduziram ao empreendimento de compreender-se enquanto português. Um empreendimento que pressupõe, como já se disse, esquadriñar o passado pátrio, como o indivíduo que procura na própria história de vida e na de seus antepassados pistas que o auxiliem a equacionar os problemas atuais. Como ele mesmo diz em entrevista de 1977, são as “exigências de presente” que o impelem ao passado, cuja importância só aumenta à medida que se recua nos séculos (BRAGANÇA, 1977, p. 110).

Mas o movimento estaria incompleto caso se resumisse a uma relação exclusiva entre passado e presente. Ora, qualquer que seja o projeto de autognose pátria sempre haverá um horizonte em vista – aquilo que se deseja ser, que é diferente daquilo que se é hoje. Esse ímpeto de futuro é o que caracteriza os mais diversos movimentos de transformação social ao longo da história, não importa se por vias reformistas ou revolucionárias. Tal impulso, que há séculos excita a imaginação utópica e as várias manifestações de messianismo ao redor do mundo, é elemento fundamental do esforço gnosiológico despendido pelo autor de *Directa*. Assim, pode-se afirmar que é sempre em direção a um determinado futuro que aponta a caneta de Nuno Bragança. Um futuro que, em alguns momentos, surge como algo inevitável, consequência lógica das transformações necessárias da sociedade capitalista, atolada há tempos numa crise de morte; em outros, no entanto, mal se pode vislumbrá-lo, tamanha a distância que o separa do momento presente.

Marxista que era (embora não dogmático, como fazia questão de lembrar⁴⁷), Nuno Bragança transpõe para a literatura a crise da esquerda da segunda metade do século

⁴⁷ Nuno Bragança expõe suas ressalvas em relação ao marxismo em mais de uma oportunidade. Uma delas é em entrevista a Álvaro Manuel Machado, “Conversa com Nuno Bragança”, programa *A Ideia e a Imagem*,

XX. Uma crise que diz respeito à viabilidade do futuro entrevisto por Marx com base no método dialético. É assim que se pode dizer que o protagonista de *Directa* incorpora as incertezas da esquerda de sua época, dividida entre as experiências de renovação social existentes (que não levaram ao comunismo⁴⁸) e a possibilidade de invenção de novos caminhos rumo à sonhada, e apenas sonhada, sociedade sem classes. Trata-se, em resumo, de uma crise provocada pelas limitações impostas pela realidade e pela resultante dúvida em relação à possibilidade de uma sociedade de índole comunista.

Mas em Nuno Bragança, como em muitos que lhe foram coetâneos, comunismo e catolicismo fundem-se, produzindo uma síntese que só a princípio parece inusitada – afinal, quando atentamos às razões dos chamados “católicos progressistas” nos damos conta de que as duas orientações, aparentemente conflitantes, têm mais afinidades do que poderíamos pensar. Esse aspecto do pensamento de Nuno Bragança é fundamental para que se perceba o sentido de futuro presente em sua obra ficcional, sobretudo em *Directa*. Participam dessa concepção de futuro teorias diversas, que vão do marxismo à ideia de evolução elaborada pelo filósofo jesuíta Teilhard de Chardin. Não nos esqueçamos de que o futuro é um tema crucial para a filosofia cristã da história e que em Portugal houve um padre jesuíta chamado António Vieira, que acreditava piamente no advento do Reino de Cristo na Terra. Nuno Bragança era cristão e leu o Livro Antepimeiro da História do Futuro⁴⁹. Claro que não desejava o Quinto Império, nem na acepção de Pessoa, muito menos na de Vieira. Aliás, não desejava outra coisa que não fosse uma reorientação política pautada pelo fim das ilusões imperiais.

Resumindo: estamos diante de uma tentativa de autognose pátria que pressupõe um movimento constante de idas e vindas do presente ao passado, sendo o presente o ponto de partida de todo o processo, e o futuro uma meta, ora próxima, ora longínqua, em direção à qual é preciso sempre marchar.

Na entrevista mencionada acima, Nuno Bragança revela que escreveu *Directa* “com o objectivo de tentar perceber o que é que eu sou, o que é que Portugal é, para que eu possa ser e para que Portugal possa ser” (BRAGANÇA, 1977, p. 110).

RTP1 Arquivos, 09/02/78. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-com-nuno-braganca/>. Acesso em: 28/09/20.

48 O Estado socialista (ou ditadura do proletariado) é, para os marxistas, apenas uma fase no processo de libertação do homem. Mas uma fase necessária. Diz Lefebvre que o “socialismo ainda não é comunismo” (1975, p. 116) e que a burocracia socialista que traz consigo “prolongamentos de épocas vencidas” deve apenas criar condições para a sua completa superação no estágio seguinte, no qual serão suprimidas quaisquer sobrevivências das antigas formas estatais. Eis o comunismo.

49 Na “Nota do Autor para o Leitor”, que antecede *Directa*, Nuno Bragança cita o nome de Padre António Vieira entre os autores que leu enquanto preparava o romance (2017, p. 205).

Há duas formas de se ler esse “poder ser”. A primeira, que tem a ver com o que foi dito agora há pouco, diz respeito à possibilidade de se fazerem escolhas e determinar o país que se deseja no futuro, seja ele uma democracia liberal ou socialista. Nesse sentido, as escolhas de futuro dependem de um autoconhecimento prévio, sem o qual é impossível dar o próximo passo. Mas há outro sentido, talvez menos óbvio, nesse “poder ser”, que passa a ideia de um futuro duvidoso, em que a própria vida humana se encontra ameaçada. Estamos falando da manutenção da existência, não apenas enquanto indivíduo ou nação, mas também enquanto espécie. Esse “poder ser” depende da resistência tenaz e da diligência dos que hoje pressentem um futuro obscuro ou mesmo inexistente, caso nada seja feito para que se altere o estado das coisas. Assim, conhecer-se – que envolve o trabalho de trazer à luz os condicionantes históricos da atual crise – é fundamental para a preservação da vida. E, nesse caso, não estamos falando apenas da entidade histórica chamada Portugal.

Portugal enquanto “interrogação fundamental”

Mas voltemos a Portugal e à paixão de certo modo obsessiva de Nuno Bragança pelo ser e destino de seu país, tal como revela Manuel Alegre (1990, p. 13). Transposta para o papel, essa paixão está longe de se traduzir em discurso laudatório. A propósito, já em *A Noite e o Riso*, na passagem em que se narram as comemorações do oitavo centenário da tomada de Lisboa aos mouros, o protagonista toma consciência dos horrores implícitos naqueles festejos.

A princípio arrastado pelo grupo de jovens amigos que se reunira para “atacar rabos”, ele tem um lampejo, uma espécie de *insight*:

Mordeu-me uma noção que me gelou: talvez eu só, entre um milhão de lisboetas, estivesse assim pensando nas dores e fúrias e brutalidades que esta festa municipalmente ordeira assinalava. Senti-me só, como um anacoreta no deserto rodeado de leões (BRAGANÇA, 2017, p. 87).

Essa constatação faz lembrar a atitude do historiador materialista, tal como Walter Benjamin a define: “escovar a história a contrapelo”, o que vai de encontro à empatia historicista pelos vencedores (1987, p. 225). Assim, ao contemplar do Terreiro do Paço, banhado de luzes de faróis, o Castelo de São Jorge, o protagonista só vê escuridão: “acedi a uma consciência” (BRAGANÇA, 2017, p. 86). Por trás das muralhas milenares da fortaleza militar, marco da retomada de Lisboa pelos exércitos cristãos (hoje convertido em patrimônio cultural visitado diariamente por uma legião de turistas), o

protagonista vê o sangue dos vencidos. Conforme Benjamin (1987), “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”.

Há, segundo António Mega Ferreira, uma “interrogação fundamental” na obra de Nuno Bragança, que advém de um “mal-estar histórico”: o desconhecimento do português em relação ao seu próprio país e, conseqüentemente, em relação a si mesmo (1985, p. 6). A imagem da multidão que tomou as ruas de Lisboa em 1947 para celebrar a conquista da cidade ilustra esse “mal-estar”. Como disse Nuno Bragança: “falta-nos o descobrimento de Portugal” (1982b, p. 5). Uma vez constatada a crise – que pode ser definida como crise existencial –, é preciso fazer o que está ao seu alcance para solucioná-la, tal como uma pessoa que recorre ao analista para falar de seus traumas. Como não se pode deitar Portugal num divã, o escritor se empenha na tarefa que lhe cabe: escrever. Também ajudou a trazer bombas, é verdade. Aliás, esse episódio é narrado em pormenores em *Square Tolstoi*, romance inspirado em acontecimentos da vida do autor.

Pontos de contato entre ficção e não-ficção na obra do escritor militante

Quando se debruça a sério sobre a obra de Nuno Bragança, em especial a trilogia romanesca⁵⁰, tem-se a sensação de se estar transitando num terreno fronteiro entre o espaço propriamente ficcional (ou literário) e o não-ficcional (da reportagem, do diário ou das memórias). Em outras palavras: a tão batida discussão sobre a relação entre vida e obra ressurgue inevitavelmente quando se estuda a obra do autor de *A Noite e o Riso*, e não são poucos os comentadores e mesmo pessoas próximas do escritor a chamarem a atenção para o caráter autobiográfico de parte de sua produção ficcional⁵¹.

Manuel Alegre, por exemplo, afirma que *Square Tolstoi* reproduz “tintimpor-tintim, ainda que transfigurado pela criação”, os encontros que tiveram no início dos anos 70, quando ambos moravam fora do país (1995, p. 9). O companheiro de luta armada, Carlos Antunes, confirma a veracidade de uma passagem de *Square Tolstoi*, nomeadamente aquela em que se narram os preparativos da vinda da Itália do primeiro

⁵⁰ Trilogia pressupõe continuidade. E a continuidade entre os três romances é assumida pelo próprio autor quando diz, em entrevista, que no “*Square Tolstoi* há alusões que me parecem bastante claras em relação à *Directa* ou à *Noite e o Riso*. Portanto, aí é o próprio livro que assume essa continuidade e que dá sinal dela” (BRAGANÇA, 1982a: 22-R). Também Manuel Gusmão observa que os três romances compõem uma sequência, ou trilogia, que ele considera “uma das mais singulares aventuras de escrita (narrativa) da segunda metade do século XX em Portugal” (1995, p. 5).

⁵¹ A esse respeito, ficamos com a excelente sugestão de leitura de Manuel Gusmão, para quem os três romances, cada qual uma “construção ficcional” ou “simulação”, “produzem um efeito de autobiografia”, o que obviamente não é o mesmo que dizer que são uma autobiografia (1995, p. 5).

explosivo plástico para Portugal que, segundo ele, serviu para executar a primeira ação direta das Brigadas Revolucionárias⁵². Na mesma linha, Pedro Tamen observa que, sobretudo em *Directa* e *Square Tolstoi*, há transposições literais de pessoas reais para a ficção, na tradição do *roman à clef*⁵³. Tendo acesso às chaves, sabe-se que Manuel Alegre é o Outro, e Fernando Lopes, o diretor de cinema, Ramiro, que na ficção produz com Aníbal um documentário sobre a realidade dos emigrantes portugueses na França – este filme, realmente, foi feito por Fernando Lopes, com diálogos de Nuno Bragança, e foi lançado em 1972 com o título *Nacionalidade: Português*.

Longe de se querer adotar uma perspectiva de tipo biografista, tampouco se pode negar a existência de elementos biográficos nos textos. No que diz respeito à resistência política, tema deste dossiê, há farto material nos textos ficcionais publicados pelo autor. Tanto *Directa* quanto *Square Tolstoi* são tributários de passagens da vida do militante de esquerda Nuno Bragança, que, de Paris, colaborou com as Brigadas Revolucionárias (movimento de luta armada contra a ditadura) ao lado de dissidentes do PCP, como Carlos Antunes e Isabel do Carmo.

Outro ponto de contato entre vida e obra é a filiação do autor ao chamado “catolicismo progressista”, um dos movimentos mais importantes de contestação ao salazarismo⁵⁴. O protagonista dos romances *Directa* e *Square Tolstoi* comunga do mesmo ideário dos católicos adeptos da Igreja renovada anunciada no Concílio Vaticano II (1962-1965) e crê numa sociedade mais justa e fraterna, em que os povos se verão livres, aqui e agora, de qualquer tipo de opressão. Para tanto, deve-se ter em mente o que diz o profeta Isaías sobre o significado do verdadeiro jejum: “É romper as ligaduras da iniquidade, desatar os nós do jugo, deixar ir livres os oprimidos, e quebrar toda a espécie de jugo; é repartir o seu pão com o esfomeado, dar abrigo aos infelizes sem asilo, vestir o nu e não desprezar o teu irmão” (BRAGANÇA, 2017, p. 218). Esse texto, aliás, faz parte do romance *Directa*. Ele é lido por Aníbal logo cedo, antes de dar início à sua longa jornada de 31 horas para facilitar a fuga de um companheiro acossado pela polícia política.

⁵² Depoimento que consta do documentário *U OMÃI QE DAVA PULUS*, de João Pinto Nogueira. Midas Filmes. Portugal, 2008.

⁵³ *U OMÃI QE DAVA PULUS*, de João Pinto Nogueira. Midas Filmes. Portugal, 2008.

⁵⁴ Talvez seja equivocado chamar o “catolicismo progressista” de movimento, já que lhe faltavam programa e organização. No entanto, é inegável sua força política. Para José Barreto, esse grupo de católicos contestatários era formado por “uma soma dos católicos em oposição ao regime de Salazar, um universo bastante heterogêneo, distinto do que poderíamos com propriedade chamar a base de um movimento” (2002, p. 148).

Portanto, se Nuno Bragança⁵⁵ era norteado por “dois horizontes mobilizadores” – a saber, o cristianismo e o marxismo (LOUREIRO, 2015, p. 131, 132) –, horizontes que serviam como “bússolas” na sua vida, o mesmo se pode dizer do personagem Aníbal de *Directa*, espécie de alter ego do escritor.

A angústia do presente e a autognose pátria

Falávamos há pouco da angústia em relação ao presente que, em grande medida, é semelhante àquela vivida por Fernando Pessoa, referência fundamental em matéria de autognose portuguesa. Para Pessoa, e também para Bragança, o presente nacional pesava toneladas, e por isso ambos se dedicaram com afinco, cada qual a seu modo, à tarefa de perceber de onde provinha e em que consistia esse fardo tão pesado; em outras palavras: entregaram-se à difícil tarefa de examinar os motivos da crise.

Antes de mais nada, vale ressaltar que ambos viveram em períodos de transição da vida política de Portugal: no caso de Pessoa, na passagem da monarquia para a república; e na passagem da ditadura para a democracia, no caso de Nuno Bragança. E o fato de ambos terem produzido tentativas de interpretação de Portugal justamente em períodos de viragem não pode ser visto como mera coincidência. Momentos como esses costumam ser propícios à reflexão sobre o “poder ser”. Qual foi o caminho até aqui percorrido? Qual rumo se deverá tomar de agora em diante?

Joel Serrão dá como certo que nenhum problema preocupou mais Fernando Pessoa do que a “tentação e tentativa de compreender Portugal”, e que “só mediante os caminhos da criação poética é que ele se aproximou dessa sua intenção e preocupação fundamentais” (SERRÃO, 1979: 21). Talvez seja demasiado cedo, em termos de pesquisa e acúmulo de informações (inclusive de caráter biográfico), para dizer o mesmo em relação a Nuno Bragança, embora tenhamos convicção de que a autognose pátria foi um dos motores de sua atividade literária.

⁵⁵ Ainda na década de 50, Nuno Bragança foi integrante do jornal *Encontro* da Juventude Universitária Católica (JUC), ao lado de outros católicos como Pedro Tamen (chefe de redação) e Nuno Cardoso Peres. Além disso, foi cofundador – junto de Tamen, João Bénard da Costa e António Alçada Baptista – da revista *O Tempo e o Modo*, onde publicou ao longo da chamada 1ª fase, entre 1963 e 1969. Além de ter participado ativamente desses veículos de comunicação animados pelo espírito do “catolicismo progressista”, seu nome consta no famoso “Documento dos 101” (25/10/65), “documento de adesão ao programa da oposição democrática assinado por 101 figuras, na sua maioria com alguma ligação à Acção Católica” (BARRETO, 2002, p. 145).

Assim, limitamo-nos a dizer que a autognose pátria é, senão o eixo, um dos eixos principais de parte da produção ficcional de Nuno Bragança. Estamos seguros de que o caminho escolhido, embora já avistado por outros pesquisadores, conduz-nos a questões fulcrais do romance *Directa*.

Nuno Bragança: intérprete de Portugal

Quem nos indicou o caminho foi Eduardo Lourenço, que, no ensaio “Repensar Portugal”, um dos que compõem *O Labirinto da Saudade*, colocou Nuno Bragança ao lado de escritores como Almeida Faria e Maria Velho da Costa (na altura, novos autores) em cujas obras transparece uma “preocupação por Portugal enquanto destino histórico e autônomo específico” (LOURENÇO, 1991, p. 68). Diz Lourenço que “nada é mais decisivo em matéria de autognose pátria”, num período literário iniciado depois do 25 de Abril, do que o surgimento dessas obras, que promovem um tipo de apropriação da realidade e uma renovação ao nível da autoimagem, contrastando com o irrealismo imagético que se tornara oficial sob o Estado Novo.

Em outro ensaio desse livro, “Da literatura como interpretação de Portugal (de Garrett a Pessoa)”, Lourenço traça uma genealogia da gnose portuguesa, cuja origem remonta ao romantismo e cujo termo é a *Mensagem* de Fernando Pessoa. Basicamente, os integrantes dessa família de autores podem ser encontrados em três momentos (ou movimentos) da literatura portuguesa entre o início do século XIX e meados da década de 30 do século XX: o Romantismo, a Geração de 70 e o Modernismo. Há, entretanto, uma continuidade desse processo após *Mensagem*, embora com orientação diferente, que Lourenço identifica em autores neorrealistas como Carlos de Oliveira e Fernando Namora, além de um representante de uma nova geração de escritores – à qual em outro ensaio ele deu o nome de “desenvolta” ou herdeira de Álvaro de Campos⁵⁶ –, que é o Ruben A. d’A Torre de Barbelas.

Cumpro, desde já, dizer o seguinte: está fora do nosso escopo analisar os motivos ou mesmo apontar características gerais desse *aggiornamento* pelo qual atravessa o processo de autognose após *Mensagem*, senão situar parte da obra de Nuno Bragança

⁵⁶ Aqui nos referimos ao ensaio “Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos”. In: LOURENÇO, Eduardo. *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*. Lisboa: Presença, 1994, p. 255-279.

(e aqui nos referimos especificamente ao romance analisado) num processo que, agora sabemos, não surgiu do nada, muito menos ontem.

De acordo com Eduardo Lourenço, essa linhagem de intérpretes de Portugal integra (quase) toda a grande literatura lusa desde o início do século XIX. Com isso, o autor acaba por estabelecer um cânone – que, como todo cânone, resulta sempre de uma revisão do passado literário – a partir de um critério que pode ser definido como a existência de um determinado tipo de relação do escritor com sua pátria, que Lourenço define como uma

nova relação da consciência literária que já não pode conceber-se apenas como criadora de obras abstractamente valiosas no âmbito ocidental dos *beaux-esprits*, mas que se apercebe que *a sua realidade e destino de autor* estão ligados à maior ou menor consistência da inédita forma histórico-espiritual que é a Pátria, uma Pátria *a ser feita* e não apenas *já feita* (1991, p. 82)⁵⁷.

Há uma determinação material – a Revolução Industrial e a cristalização da sociedade burguesa – para o advento desse tipo de relação entre o escritor e sua pátria inaugurado em Portugal por Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Por trás desse fenómeno que se pode classificar como literário ou espiritual, há outro de ordem sociológica que lhe é condicionante: a alteração do *status* do indivíduo, que ascende da condição de súdito a cidadão, detentor de direitos (políticos e civis) e responsável pelo destino do corpo político do qual faz parte (LOURENÇO, 1991, p. 81). Especificamente em Portugal, o fenómeno literário coincide com o período histórico marcado pelo declínio do antigo regime e a consolidação de uma sociedade de tipo liberal. Assim, só se pode compreender o processo de conversão de Portugal – “enquanto realidade histórico-moral” – em “núcleo da pulsão literária determinante” quando se olha para o contexto histórico em que essa mudança ocorre (LOURENÇO, 1991, p. 80).

Sabendo que seu destino está inevitavelmente ligado ao destino da nação, o escritor-intérprete interroga simultaneamente a si mesmo e à pátria, já que não pode descobrir quem é sem interpelar a entidade histórico-política da qual é membro. Essa “preocupação obsessiva de descobrir *quem somos e o que somos como portugueses*” (LOURENÇO, 1991: 83), preocupação esta que orientou a grande literatura portuguesa produzida desde Garrett e o seu *Camões*, implica, por parte do escritor-cidadão (se é que podemos chamá-lo assim), encarregar-se da missão de intervir nos rumos da polis.

⁵⁷ Os itálicos desse excerto e dos demais excertos transcritos são do texto original.

Assim como no domínio político lhe é pedido [ao cidadão] que directa ou indirectamente a assuma pelo voto, assim *culturalmente*, o que a Pátria é ou não é, *interpela* o escritor com uma força e uma urgência antes desconhecidas. Cada escritor consciente da nova era escreverá, como Fichte, o seu *peçoal discurso à sua nação*, cada um se sentirá profeta ou mesmo messias de destinos pátrios, vividos e concebidos como revelação, manifestação e culto das respectivas *almas nacionais* (LOURENÇO, 1991, p. 82).

É o que faz Garrett, “primeiro de uma longa e ainda não acabada linhagem de ulisses intelectuais” (1991, p. 82), e também Herculano, “prospectador do *tempo perdido* em Portugal, cuja decifração lhe é vital para se situar como homem, cidadão e militante num presente enevoado e oscilante” (1991, p. 83). É o que fazem os autores da segunda fase da autognose pátria, os da Geração de 70, empenhados na tarefa de compreender Portugal para suplantar a secular decadência, e também Pessoa, igualmente obcecado pela superação do atraso e ávido por um futuro que estivesse à altura dos maiores feitos da história portuguesa.

Uma forma pela qual um povo pode aceder ao conhecimento sobre si mesmo é através da leitura de seus intérpretes. Quanto a isso, Portugal país está muito bem servido, já que não é de hoje que “Portugal como problema”⁵⁸ tem ocupado ensaístas, poetas e ficcionistas. E acreditamos que Nuno Bragança faz parte dessa linhagem de escritores-intérpretes.

Que há divergências entre ele e seus antepassados não restam dúvidas, seja em relação à interpretação da história ou àquilo que se deseja de Portugal no futuro. Eduardo Lourenço não inclui autores como Almeida Garrett e Antero de Quental na mesma linhagem porque os considera parecidos. Se o faz é porque identifica neles um ponto em comum, uma mesma motivação ou impulso literário. Estamos convictos de que Nuno Bragança compartilha dessa motivação. *Directa* é prova disso.

“Que falta (me) faz o Nuno neste tempo novo e misterioso que vivemos!”, escreveu Carlos Antunes em 1990. “Talvez algum dia este país venha a descobrir este homem, descobrindo-se” (ANTUNES, 1990, p. 12).

Referências

ALEGRE, M. Nuno Madruga. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, ano X, n. 409, p. 13, maio 1990.

⁵⁸ Esse é o título de uma coleção organizada pelo filósofo Pedro Calafate. CALAFATE, Pedro. *Portugal como Problema*. Vol. I-IV. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), 2006.

_____. Era o Nuno. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, ano XV, n. 653, p. 9, out. nov. 1995.

ANTUNES, C. Um guerrilheiro escritor. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, ano X, n. 409, p. 12, maio 1990.

_____. Exemplo de homem. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, ano XV, n. 653, p. 6, out. nov. 1995.

Página | 115

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRAGANÇA, N. Directa com Nuno Bragança. **Raiz & Utopia**, Lisboa, p. 100-111, jul. a dez. de 1977.

_____. Nuno Bragança, Directamente. **ABRIL: revista de reflexão socialista**. Lisboa: Associação de Cultura Socialista Fraternidade Operária, n. 4, p. 40-43, maio 1978.

_____. (1982a). Nuno Bragança: “Nunca escrevi depressa”. Entrevista por Maria João Avillez. **Expresso. A Revista**, Paço de Arcos, n. 481, p. 22 e 23-R, jan. 1982.

_____. (1982b). Falta-nos o descobrimento de Portugal. Entrevista por Fernando António Almeida. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, Ano II, n. 35, p. 4-6, jun. jul. 1982.

_____. **Obra Completa**. Alfragide: D. Quixote, 2017.

CALAFATE, P. **Portugal como Problema**. Vol. I-IV. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), 2006.

FERREIRA, A. M. Um homem e a sua “Estação”. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, ano IV, n. 136, p. 5 e 6, fev. 1985.

GUSMÃO, M. Autobiografia em três romances. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, ano XV, n. 653, p. 4 e 5, out. nov. 1995.

HENRIQUES, B. **Directa, de Nuno Bragança – Questões de Tempo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa Contemporânea). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

LEFEBVRE, H. **O Marxismo**. Amadora: Bertrand, 1975.

LOUREIRO, L. S. Cristianismo e Marxismo em *Estação*, de Nuno Bragança. **Abril: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Niterói, v. 7, n. 14, p. 129-145, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5616432>. Acesso em: 30/09/20.

LOURENÇO, E. **O Labirinto da Saudade**. Psicanálise Mítica do Destino Português. 4ª edição. Lisboa: D. Quixote, 1991.

_____. **O Canto do Signo**. Existência e Literatura (1957-1993). Lisboa: Presença, 1994.

_____. **Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade**. Lisboa: Gradiva, 1999.

NOGUEIRA, J.P. **U OMÃI QE DAVA PULUS**. Lisboa: Midas Filmes, 2008.

SERRÃO, J. A busca pessoana do sentido de Portugal. In: PESSOA, F. **Sobre Portugal**. Introdução ao Problema Nacional. Lisboa: Ática, 1979, p. 5-63.

SILVA, G. R. **O Tempo e o Modo do homem que ficou sem lado: o efeito de autobiografia na obra de Nuno Bragança**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares). Universidade Aberta, Lisboa, 2002.

NATIONAL SELF-KNOWLEDGE IN THE NOVEL *DIRECTA*, BY NUNO BRAGANÇA

Abstract

The Portuguese writer Nuno Bragança (1929-1985) resisted the fascist dictatorship on two fronts: either as an opposition militant (he was part of “progressive Catholics” and collaborated with the Brigadas Revolucionárias), or as a writer. In fact, his fight partner Carlos Antunes to define as “guerrilla writer”. One notes, as a writer, his desire to thoroughly investigate the historical conditions of the Portuguese present, in order to think of another Portugal, more free and fair. It is the national self-knowledge - that is, the attempt to interpret the historical entity called Portugal - that puts itself in the service of resistance and political action. And in the *Directa* novel this commitment becomes evident. The aim of this article is to speak briefly of the political context in which the work is written and mention elements of resistance in the author's biography. It also intends to show what this interpretative movement consists of, including the name of Nuno Bragança in a lineage of self-interpretations from Portugal.

Keywords

Portuguese Literature. Nuno Bragança. National self-knowledge. Estado Novo.

Recebido em: 13/10/2020

Aprovado em: 05/12/2020